



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

A Cobra e o Maracá encantam: Memórias e vivências de Suzana ? Mulher Karipuna do Amapá

Autoria: Ana Manoela Primo dos Santos Soares (UFPA - Universidade Federal do Pará), Suzana Primo dos Santos

Esta pesquisa é tecida com base em diálogos entre duas mulheres do povo Karipuna do Amapá, uma que vem se dedicando a pesquisas de antropologia em diálogo com seu povo de origem e a segunda que vem se debruçando sobre as questões da “cultura material” dos povos indígenas no espaço do Museu Paraense Emílio Goeldi. Em meio a este contexto a primeira autora traz alguns recortes iniciais da pesquisa de mestrado que desenvolve através do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), sendo está uma reflexão construída em conjunto com as memórias de sua mãe, a segunda mulher mencionada, pois, uma parte fundamental da dissertação tratará sobre a trajetória de vida dela. A história de Suzana Primo dos Santos Karipuna (66 anos) está vinculada a história da aldeia Santa Isabel (aldeia Karipuna ? Terra Indígena Uaçá ? Oiapoque ? Amapá), território este fundado por seus pais no ano de 1940, assim como esta vinculada ao espaço do Museu Goeldi, onde se tornou a primeira mulher indígena a ser funcionária desta instituição e em consequência disto a primeira a atuar dentro da Reserva Técnica de Etnografia Curt Nimuendajú. Suzana também é pajé e é considerada como tal por ser gêmea, possuindo o ?dom de sonhar?. Também é uma ?antiga?, e as antigas, em nosso povo, são as mulheres idosas, importantes detentoras de conhecimentos, correspondentes às narrativas; à língua; aos pequenos e grandes processos rituais; ao xamanismo; a arte; as relações com o território, com os bichos, as plantas e com os/as parentes/as. Suzana em sua trajetória, traz aspectos que explicam a formação de territórios indígenas, questões sobre a presença indígena em museus na Amazônia brasileira, sobre o xamanismo Karipuna e sobre como a figura das mulheres mais velhas e seus conhecimentos compõem e auxiliam na preservação do território, das memórias, assim como do bem-viver Karipuna. A metodologia para



a constituição da pesquisa esta pautada na oralidade; no que é concernente aos relatos biográficos e autobiográficos; e em diálogo com a antropologia e o campo da literatura indígena.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: